



A ABORDAGEM DAS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL¹

THE APPROACH OF RELATIVIZATION STRATEGIES IN TEXTBOOKS OF THE FINAL YEARS OF ELEMENTARY SCHOOL

Camilla de Castro Marcelino²
Universidade Federal de Alagoas

Telma Magalhães³
Universidade Federal de Alagoas

Resumo: Neste artigo, analisamos a abordagem das estratégias de relativização em livros didáticos de Língua Portuguesa de anos finais do ensino fundamental. Assumimos os pressupostos gerativistas (CHOMSKY, 1986 e seguintes), considerando a expansão da gramática periférica a partir do input ordenado escolar (KATO, 2005, 2018). O corpus é composto por exemplares de duas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa mais

¹ Este artigo apresenta parte da reflexão que constituirá a dissertação de mestrado (em andamento) da primeira autora, sob a orientação da segunda autora.

² E-mail: camilladecmarcelino@gmail.com.

³ E-mail: telma.magalhaes@fale.ufal.br.

adquiridas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2020. Observamos que há poucos exemplos de relativas preposicionais – tanto nos textos expositivos quanto nas atividades –, apenas uma coleção apresenta a estratégia cortadora e nenhuma obra menciona a estratégia resumptiva. Defendemos a necessidade de se considerar o conhecimento linguístico prévio dos alunos (MAGALHÃES; MARCELINO, 2021) sobre as orações relativas e, a partir disso, de se fornecer um input mais rico na abordagem dessas estruturas.

Palavras-chave: Estratégias de relativização; Português brasileiro; Livro didático de Língua Portuguesa.

Abstract: *In this article, we analyze the approach of relativization strategies in Portuguese language textbooks from the final years of elementary school. We assume generative assumptions (CHOMSKY, 1986 and subsequent work), considering the expansion of peripheral grammar based on ordered school input (KATO, 2005; 2018). The corpus is composed of the two collections of Portuguese language textbooks most acquired by the National Textbook Program (PNLD) 2020. We observed that there are few examples of relative prepositions - both in the expository texts and in the activities -, only one collection presents the PP-chopping strategy and none of them mentions the resumptive strategy. We defend the need to consider the students' previous linguistic knowledge about relative clauses and, from that, to provide a richer input in approaching these structures. and subsequent work.*

Keywords: Relativization strategies; Brazilian Portuguese; Portuguese language textbooks.

INTRODUÇÃO

Desde o trabalho seminal de Tarallo (1993), em que o autor identificou, além da oração relativa padrão (1), a relativa cortadora (2) e a relativa copiadora ou resumptiva (3), muito se investiga sobre as estratégias de relativização no Português Brasileiro (PB), sob diversos enfoques e perspectivas teóricas.

- (1) Este é o filme [*de* que João gosta]
- (2) Este é o filme [que João gosta \emptyset].
- (3) Este é o filme [que João gosta *dele*].

Estudos indicam que algumas relativas padrão não fazem parte da gramática nuclear do falante do PB (GROLLA, 2000; PERRONI, 2001; LESSA-DE-OLIVEIRA, 2008) e são usadas apenas após anos de escolarização, preferencialmente na escrita (CORREA, 1998; MEDEIROS JR., 2007). Por outro lado, há estratégias de relativização naturalmente adquiridas que “devem” ser evitadas em situações que requerem o uso formal da língua.

Tendo em vista o papel significativo da escolarização para o uso eficaz das estratégias de relativização e a importância do livro didático no ensino de Língua Portuguesa, esta pesquisa tem por objetivo analisar como as orações relativas são abordadas em duas coleções destinadas aos anos finais do ensino fundamental, buscando identificar se esses materiais (i) apresentam as diversas estratégias de relativização do PB e (ii) discutem as características da fala e da escrita ou dos níveis de formalidade da situação em que essas estratégias são usadas.

Para tanto, analisamos as duas coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa mais adquiridas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2020. Nossa análise está ancorada nos pressupostos gerativistas (cf. CHOMSKY, 1986 e seguintes) e considera a expansão da gramática periférica a partir do input ordenado escolar (cf. KATO, 2005; 2018).

Ressaltamos que, apesar de discussões profícuas sobre as orações relativas e as estratégias de relativização na teoria gerativa, não há pesquisa semelhante na literatura. Todavia, as pesquisas que já investigaram, sob a mesma perspectiva teórica, outros aspectos linguísticos em livros didáticos – como Santos (2013); Marcelino, Silva e Magalhães (2016); Aguiar (2020) – têm mostrado que as descobertas da linguística não chegam a esses materiais. Com base nisso, nossa hipótese é que os livros também não trarão um trabalho efetivo com as estratégias de relativização.

O trabalho está organizado da seguinte forma: na segunda seção, tecemos considerações sobre o quadro teórico adotado; na terceira, apresentamos uma síntese de pesquisas linguísticas sobre estrutura, uso e aquisição das orações relativas no PB; na quarta, descrevemos aspectos metodológicos; na quinta, apresentamos uma discussão sobre a abordagem das estratégias de relativização nos livros didáticos analisados; por fim, apresentamos as considerações finais do trabalho.

1 INCURSÕES TEÓRICAS

De acordo com a Teoria Gerativa – mentalista e inatista –, a linguagem resulta da inter-relação entre o estado inicial e o curso da experiência, e os seres humanos são dotados de uma expressão de genes responsável pela interação dos dois fatores, como um “órgão da linguagem”, denominado Faculdade da Linguagem (FL). A caracterização da FL é a preocupação central da Gramática Universal (GU), uma teoria que objetiva descobrir o conjunto de princípios e de elementos comuns a todas as línguas humanas possíveis. A GU é a teoria do estado inicial, ao passo que a “gramática particular” é a teoria do estado estável atingido. Conforme Chomsky,

Podemos conceber o estágio inicial como um “sistema de aquisição da linguagem”, que toma a experiência como *input* e fornece a linguagem como *output* – um *output* que é internamente representado na mente/cérebro. O *input* e o *output* são ambos passíveis de análise: podemos estudar o curso da experiência e as propriedades das linguagens adquiridas. Aquilo que é aprendido dessa maneira pode fornecer-nos muitas informações sobre o estado inicial que faz a mediação entre elas. (CHOMSKY, 2005, p. 32).

No modelo de Princípios e Parâmetros, Chomsky propõe que o estágio inicial não é vazio, mas sim o conjunto de princípios que regem as línguas naturais somados a parâmetros que são fixados pelo input recebido no curso da experiência, ou seja, pela língua a ser adquirida. O input, que – grosso modo – é o estímulo recebido do ambiente, não precisa, segundo Chomsky, ser regulado, monitorado ou apresentado em excesso para que uma língua seja adquirida.

Após a seleção paramétrica, constrói-se a “gramática nuclear” do falante. As estruturas que o falante adquire ou aprende depois de já ter construído a “gramática nuclear” estão situadas em uma “periferia marcada” da gramática do falante, que pode abrigar fenômenos de empréstimos, resíduos de mudança, invenções etc. Desse modo, indivíduos da mesma comunidade linguística podem ou não apresentar esses fenômenos de forma marginal.

Segundo Kato (2005, 2018), a periferia marcada pode ser expandida a partir do input ordenado escolar ou da imersão em textos escritos. A autora afirma que a gramática do letrado brasileiro não corresponde à gramática de um falante letrado brasileiro do passado nem à de um letrado português, e o aprendizado da escrita envolve um processo comparável – embora não idêntico – ao aprendizado de uma segunda língua (L2) para a criança brasileira, visto que a escrita trazida pela escolarização é, em alguns aspectos, desvinculada de certos conhecimentos linguísticos que o aluno já tem. Ainda de acordo com Kato (2005, 2018), apesar de a gramática nuclear e a periferia marcada não terem a mesma natureza (já que a primeira é formatada por seleção paramétrica, ao passo que a segunda é constituída por regras estilísticas), as regras estilísticas da gramática periférica podem ser consideradas um subproduto da GU.

Quanto à importância do input após a formatação da gramática nuclear, Magalhães e Marcelino (2021) afirmam, com base na discussão de Slabakova (2016) sobre o input na aquisição de L2, que cabe à escola proporcionar ao aluno a exposição à linguagem formal, de forma robusta e consistente. Para os autores, o papel do professor, nesse contexto, é

atentar para a consciência das diferentes formas de expressão e seu uso apropriado em diferentes contextos de produção oral e escrita, em que diferentes formas podem ser alternadas de acordo com o nível de formalidade e precisismo. Deixar essa importante parte de análise fora do escopo da sala de aula, apenas à sorte da sistematização natural, é o que provavelmente renderá ao aprendiz uma gramática de L2: com uso inconsistente e variável. (MAGALHÃES; MARCELINO, 2021, p. 122).

Seguindo a fundamentação teórica apresentada, adotamos a ideia de que, durante o percurso de escolarização, o falante do PB tem sua periferia marcada expandida em um processo que se assemelha ao de adquirir uma segunda língua (cf. KATO, 2005, 2018). Nesse sentido, assumimos que, embora não seja necessário um input organizado no processo de aquisição de L1, é importante

que se tenha acesso a um input robusto de determinadas estruturas — aquelas que não estão fazem parte da gramática nuclear do falante — para empregá-las de forma efetiva na escrita e, posteriormente, utilizá-las na fala (MARCELINO; MARINHO; MAGALHÃES, 2016; MAGALHÃES; MARCELINO, 2021).

2 AS ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NO PB

Ao descrever a aquisição da periferia esquerda da sentença no PB a partir de dados de uma criança brasileira dos 2;0 aos 4;0 de idade, Grolla (2000) observa que as relativas (4) começam a ser produzidas depois de interrogativas-QU (5), construções de tópico-comentário (6) e orações clivadas (7).

(4) *Come a pedrinha que tá aqui.* (2;10)

(5) *Que é isso?* (2;2)

(6) *Esse daqui eu achei.* (2;8)

(7) *Sô eu que sô a nenê!* (2;7)

(Exemplos retirados de Grolla, 2000, p.33-50)

A autora verifica que as relativas são empregadas majoritariamente para relativizar a função sintática de sujeito. Além disso, as relativas com pronomes resumptivos (“Eu vou no seu colo, porque lá tem aquela cobrinha *que as muler dança nela.* (3;1)” (GROLLA, 2000, p. 48) surgem mais tarde, o que é explicado pela autora pela hipótese de que os resumptivos são uma estratégia de “último recurso”, isto é, somente devem ser inseridos para salvar derivações que de outro modo seriam agramaticais.

Perroni (2001) analisa a aquisição das orações relativas por duas crianças brasileiras entre 2;0 e 5;0 anos de idade. As posições mais relativizadas pelas duas crianças são as de sujeito e objeto, que, como afirma a autora, são as posições mais baixas da árvore sintática e não envolvem preposição.

Lessa-de-Oliveira (2008) analisa dados de fala de três crianças brasileiras entre 1;6 e 3;6 anos de idade, bem como de seus interlocutores adultos. Ela

propõe que haja uma relação direta entre economia e preferência na aquisição da relativização. Segundo ela, as estratégias de relativização padrão e não padrão são adquiridas, mas com base no critério de economia. A estratégia de movimento (padrão) é a mais econômica para a aquisição das relativas de sujeito e objeto direto, enquanto a estratégia com deslocamento à esquerda é a mais econômica para a aquisição das relativas preposicionais.

Corrêa (1998), ao analisar dados orais e escritos de informantes não escolarizados, em fase de escolarização e cultos, afirma que a relativa padrão não faz parte da gramática dos informantes não escolarizados e de estudantes do 1º grau (ensino fundamental), mesmo após oito anos de escolaridade obrigatória.

Nas narrativas orais, coletadas entre não escolarizados, estudantes do 1º grau e universitários, as relativas de sujeito e objeto direto totalizam 79% dos dados. Ainda nos dados orais, apenas os universitários usam a estratégia padrão em relativas preposicionadas, enquanto os demais informantes usam a estratégia cortadora. Quando considerados apenas os constituintes preposicionados, a estratégia cortadora totaliza 84% e a padrão 16%. Além disso, há apenas um dado com a estratégia resumptiva, produzido por um estudante da 7ª série (8º ano) na relativização da função de sujeito.

Nos dados de escrita, coletados entre os estudantes do 1º grau e universitários, o resultado é semelhante. As relativas de constituintes não preposicionados totalizam 85% dos dados. As relativas preposicionadas com estratégia cortadora totalizam 10% e as preposicionadas padrão somam 5%. Considerando apenas os constituintes preposicionados, a estratégia cortadora corresponde a 68%, enquanto a padrão soma 32%. Não há ocorrência da estratégia resumptiva na escrita.

Para analisar o que acontece entre o 1º grau e o ensino superior, Corrêa (1998) analisa textos de estudantes do 2º grau (ensino médio) e observa que os

estudantes aprendem a usar a estratégia padrão durante o último ano da educação básica, quando estão se preparando para o vestibular. A autora percebe uma grande diferença no total de relativas de função preposicionada produzidas pelos alunos do 1º ano (86%) e pelos alunos do 3º ano (14%). Ela afirma que os alunos, quando induzidos a usar a relativa padrão, podem rejeitar essa estratégia, substituindo-a por outras construções sintáticas; podem, ainda, produzir hipercorreções. Quando observadas as relativas produzidas, o uso da relativa padrão sobe de 7% na série inicial para 44% na final, enquanto a estratégia vernacular decresce de 93% para 56%.

Medeiros Jr. (2007) analisa as estratégias de relativização em textos orais e escritos de estudantes da série final do ensino médio. Os resultados mostram a quase inversão no percentual de ocorrências da relativa cortadora na fala e na escrita: na fala, há 78,1% de relativas cortadoras e 19,7% de relativas padrão; na escrita, há 66,7% de relativas padrão e 33,3% de relativas cortadoras. A estratégia resumptiva constitui apenas 2,2% dos dados de fala e inexistente na escrita.

No corpus analisado pelo autor, também há dados como (8), em que o pronome relativo “onde” não é empregado para indicar lugar, o que o autor atribui ao fato de que esse pronome parece estar passando pelo mesmo processo de universalização do relativo “que”.

(8) “Passados alguns minutos, *onde eu e ele passamos a discutir muito, muito nervoso, ele tenta me agredir*”.

(Exemplo retirado de MEDEIROS JR., 2007, p. 12)

Além disso, Medeiros Jr. (2007) verifica a ausência do pronome relativo “cujo” nos dados de produção oral e escrita dos estudantes. No entanto, tal relativo foi empregado como forma de correção de sentenças apresentadas aos alunos em outra fase da pesquisa – em que o autor propôs uma atividade de reflexão metalinguística. Segundo Silva (2007), as relativas genitivas

introduzidas pelo pronome relativo “cujo” resultam da gramática periférica e a escolarização influencia a produção dessas construções.

Na análise da atividade de reflexão metalinguística, Medeiros Jr. (2007) ainda obtém outros resultados interessantes: as relativas padrão nem sempre são consideradas boas pelos alunos, principalmente as mais complexas (9); as construções com resumptivo (10) não são bem avaliadas; as relativas cortadoras (11) parecem ser as mais instáveis quando submetidas à apreciação dos alunos⁴.

(9) “Ele é um cara *sobre cujos defeitos estou cansado de falar*”.

(10) “A secretária informou ao gerente que conhece um electricista *que ele faz o serviço por um preço mais baixo*”.

(11) “Eu chorei na hora *que eles casaram*, na hora *que eles foram embora*, na hora *que ela abraçou Jack*”.

(Exemplos retirados de Medeiros Jr., 2016, p. 13-15)

Ademais, Medeiros Jr. (2007) observa que estruturas com relativas livres (12) são bem avaliadas pela maioria dos alunos e sentenças que apresentam preposições órfãs (13) podem ser consideradas bem formuladas — especialmente com preposições lexicais, como “sem”, “contra” e “a respeito (de)”.

(12) “Depois do assalto, passei a ser mais atento aos lugares onde vou, onde fico, *com quem converso*”.

(13) “Na final do campeonato, a equipe vai enfrentar o mesmo time *que jogou contra no início da competição*”.

(Exemplos retirados de Medeiros Jr., 2016, p. 14)

É importante mencionar que o autor verifica, na reestruturação de algumas orações relativas mal avaliadas, que os alunos optam por estratégias

⁴ O autor afirma que, no momento de reflexão sobre a escrita em uma atividade monitorada, “os estudantes percebem a ausência de um elemento que não sabem exatamente qual é e, por isso, oscilam na inserção ou não do elemento posicionado” (MEDEIROS JR., 2007).

de esquiva, substituindo-as por outras construções sintáticas, assim como observado por Corrêa (1998).

De modo geral, os resultados dos trabalhos sobre as estratégias de relativização em dados de aquisição inicial e de diversos níveis de escolaridade, por meio da análise de textos orais e escritos, indicam que algumas estratégias padrão não fazem parte da gramática nuclear do falante e são necessários anos de escolarização para que algumas dessas construções sejam usadas, especialmente na escrita.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para nossa análise, selecionamos as duas⁵ coleções de livros didáticos de Língua Portuguesa mais adquiridas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2020, conforme planilha consultada no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE – BRASIL, 2020)⁶: *Tecendo Linguagens* (2018), de Tânia Amaral Oliveira e Lucy Aparecida Melo Araújo, e *Se liga na língua* (2018), de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi.

Inicialmente, buscamos quais livros e capítulos poderiam levar os alunos a refletirem sobre as estratégias de relativização⁷. Chegamos, então, aos capítulos específicos que tratam dos pronomes relativos e das orações relativas (tradicionalmente chamadas de “orações subordinadas adjetivas”): da coleção *Tecendo Linguagens*, o capítulo 8 do livro do 8º ano e o capítulo 6 do livro do 9º ano (seções “Reflexão sobre o uso da língua” e “Aplicando conhecimentos”); da

⁵ Dentre as seis coleções aprovadas pelo Ministério da Educação e disponíveis no Guia do PNLD 2020, o qual contempla os livros que deverão ser utilizados até o ano de 2023.

⁶ Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/124-livro-didatico?download=13720:pnlD-2020-anos-finais>>.

⁷ Também fizeram parte da análise preliminar do material capítulos que tratavam de coesão e coerência, dos níveis de formalidade da linguagem e do período composto por subordinação, que poderiam abordar – ainda que indiretamente – o nosso objeto de estudo, o que não foi verificado.

coleção *Se liga na língua*, os capítulos 5 e 6 do livro do 9º ano (seções “Mais da língua” e “Na prática”).

É importante salientar que os livros analisados são do tipo “manual do professor”. Foram objeto de análise os textos expositivos dos conteúdos, os exercícios e as orientações destinadas aos professores.

Os resultados são apresentados na próxima seção, com enfoque não só na quantidade, mas também na qualidade do *input* fornecido pelos livros, a fim de alcançar os objetivos do trabalho.

4 ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO EM LIVROS DIDÁTICOS: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os livros didáticos analisados estão fundamentados na concepção sociointeracionista de linguagem e trabalham com os conceitos de Competências e Habilidades⁸, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ao se dirigirem aos professores, os autores dos livros afirmam considerar as descobertas dos estudos linguísticos e destacam a importância do trabalho com as variações e os usos da língua.

A seguir, apresentaremos uma breve descrição e análise de cada coleção; depois, teceremos reflexões sobre os resultados obtidos nas duas coleções.

4.1 *Tecendo linguagens*

Na coleção *Tecendo Linguagens*, os pronomes relativos são abordados no capítulo 8 do livro do 8º ano.

Na seção “Reflexão sobre o uso da língua”, há, antes da conceituação dos pronomes relativos, uma questão que pede, a partir do trecho “[...] os blogs

⁸ Segundo os autores, as habilidades trabalhadas nas seções analisadas são EF08LP15, EF09LP09 e EF89LP29: as duas primeiras são citadas nas duas coleções; a última, apenas na coleção *Se liga na língua*. Por limitação de espaço e pelo recorte deste trabalho, não discorreremos detalhadamente sobre essas habilidades.

apresentam modos de vida considerados “desejáveis” pelos seus desenvolvedores, que ganham para mostrar certos produtos.” Oliveira e Araújo (2018a, p. 247), retirado de uma entrevista da seção anterior do livro, a substituição do pronome “que”: primeiro, por outro pronome (no caso, “os quais”); depois, por um termo da primeira oração (“os desenvolvedores de blogs”).

A partir daí, tem início o texto expositivo sobre pronomes relativos, em que o livro se utiliza do mesmo exemplo da questão já mencionada. O conceito apresentado é: “Damos o nome de pronome relativo ao pronome que se refere a nomes já mencionados e com os quais se estabelece relação de sentido” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018a, p. 247).

Em seguida, o livro menciona que os pronomes relativos (i) evitam a repetição dos termos nas orações – “sendo compreensíveis as relações estabelecidas entre eles e a identificação dos termos que substituem” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018a, p. 247) – e (ii) constituem-se de formas variáveis e invariáveis, podendo vir precedidos de preposição conforme a regência dos verbos da oração:

Exemplos: em + a qual = na qual

de + a qual = da qual

de + o qual = do qual

a + onde = aonde

de + onde = donde

(OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018a, p. 247)

São elencados como formas invariáveis “que”, “quem” e “onde”, e como formas variáveis “o qual”, “a qual”, “os quais”, “as quais”, “cujo”, “cuja”, “cujos”, “cujas”, “quanto”, “quanta”, “quantos” e “quantas”.

Depois da exposição geral sobre os pronomes relativos, há uma subseção com informações específicas acerca dos pronomes “que”, “quem” e

“onde”. Essas informações seguem as gramáticas tradicionais. Não há informações sobre o pronome “cujo” nem exemplos de seu uso.

Em seguida, há mais uma questão, ainda na seção “Reflexão sobre o uso da língua”; depois, seguem duas questões na seção “Aplicando conhecimentos”, totalizando quatro questões sobre pronomes relativos no capítulo. Somando-se as quatro questões, há 9 exemplos de pronomes relativos. Chama a atenção o fato de serem apresentadas 7 orações relativas com função de sujeito (todas com o pronome relativo “que”) e apenas duas com funções preposicionadas (uma com “ao qual”, outra com “na qual”). As duas questões em que há ocorrências de relativas preposicionadas cobram a identificação dos referentes dos pronomes relativos. Uma dessas questões (Fig. 1) possui quatro itens/letras (a-d) – cada um deles com um trecho que possui uma oração relativa – e apenas um (d) traz um exemplo de relativa preposicionada, como vemos a seguir:

Figura 1: Primeiro caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Tecendo Linguagens*

2. Indique, nos trechos a seguir, os termos aos quais os pronomes relativos destacados estão relacionados.
- a) “O aval desses formadores de opinião tornou-se extremamente importante para os jovens **que** querem projetar uma determinada imagem.” *que = (os) jovens*
 - b) “Caberia aos adultos responsáveis da família... conversar sobre outros modos de se ter satisfação **que** não seja o consumo desenfreado.” *que = satisfação*
 - c) “As ideias difundidas pelo *funk* ostentação foram abraçadas pela ‘nova classe média’, **que** ascendeu economicamente a partir de 2005...” *que = nova classe média*
 - d) “Por isso, tanto a moda adotada pelo grupo **ao qual** deseja pertencer, quanto o grupo em si, são importantes na formação desses valores consumistas.” *ao qual = grupo*

Fonte: Oliveira e Araújo (2018a, p. 248).

A outra questão (Fig. 2) apresenta um trecho com três orações relativas, sendo uma preposicionada. Tal questão contém dois itens/letras: cobra, primeiramente, a identificação dos pronomes relativos e, em seguida, a identificação dos referentes. Vejamos:

Figura 2: Segundo caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Tecendo Linguagens*

2. Agora, releia este trecho da carta do leitor: *de sentido com a palavra que substitui, contribui também para o entendimento da mensagem expressa no trecho.*

Muitos dos males que afligem a humanidade e fazem entrever a possibilidade de um futuro trágico são provocados pela mentalidade consumista, na qual estamos inseridos, que é sinônimo de 'mentalidade egoísta', e se resume na fórmula de possuir tudo logo

a) Identifique e copie desse trecho todos os pronomes relativos que o compõem.
Pronomes relativos: **que** (que afligem); (n) **qual** (na qual estamos); **que** (que é sinônimo).

b) Indique, para cada pronome relativo copiado, a palavra ou expressão antecedente que substitui.
que (afligem): males; (n) **qual** (estamos): mentalidade consumista; **que** (é sinônimo): mentalidade consumista

Fonte: Oliveira e Araújo (2018a, p. 249).

Assim, observamos que o conceito de “pronome relativo” prioriza aspectos de coesão textual. Ao tratar da possibilidade de uso de preposições com os pronomes relativos, além de ignorar a regência nominal, o livro não apresenta exemplos de verbos que solicitam essas preposições, apenas das combinações/contrações de preposições e pronomes. Nas questões, há pouquíssimos casos de relativas preposicionadas. Não há questões que tratem diretamente do uso (ou não) da preposição. Além disso, nenhuma questão trabalha os pronomes “cujo” ou “onde”.

Passemos à abordagem das orações subordinadas adjetivas na mesma coleção, no capítulo 6 do livro do 9º ano.

O texto expositivo sobre as orações relativas tem início da seguinte forma: “Quando uma oração subordinada exerce a função sintática que poderia ser exercida por um adjetivo, damos a ela o nome de **oração subordinada adjetiva.**” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018b, p. 174, grifo dos autores).

O capítulo enfatiza a distinção entre adjetivas restritivas e explicativas. Além disso, menciona que as orações relativas são introduzidas por pronomes relativos e podem ser reduzidas, com verbo no infinitivo, gerúndio ou particípio.

Há, ainda, um box que explora a pontuação – especificamente o uso da vírgula – nas orações adjetivas.

Nesse capítulo, há 8 questões: 5 questões antes da exposição do conteúdo, 1 no meio da exposição (depois da exposição geral e antes do box sobre pontuação) e 2 questões após todo o conteúdo. Nessas 8 questões, são apresentadas 10⁹ orações relativas: 9 com função de sujeito e uma com função de objeto direto. Aqui, dois aspectos chamam nossa atenção para a despreocupação do livro quanto ao *input* fornecido: (i) em TODAS as ocorrências, é utilizado o pronome relativo “que”; (ii) NENHUMA das orações relativas apresentadas é preposicionada.

Novamente, não há menção às estratégias de relativização: nem explicitação da estratégia padrão, nem reflexão sobre as estratégias não padrão. Ressaltamos que também não há orientações destinadas aos professores para o trabalho com as estratégias de relativização. Assim, não só o livro não promove a reflexão sobre essas estruturas, como também não fornece instrumentos e materiais necessários para que o professor possa, a partir dele, refletir sobre elas com os estudantes.

4.2 *Se liga na língua*

Na coleção *Se liga na língua*, tanto os pronomes relativos quanto as orações subordinadas adjetivas são trabalhados no livro do 9^o ano.

No capítulo 5, a seção que trata dos pronomes relativos começa com uma brevíssima reflexão sobre o uso do “que” no poema “Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade (texto já explorado no capítulo), usada como um “gancho” para informar que os pronomes relativos serão o assunto da seção.

⁹ Além desses 10 casos de orações relativas trabalhadas, que tem antecedente nominal, há um caso de “o que”: “Quando tomei um táxi, vi que o motorista torceu a cara, mas não percebi o que se passava, pois experimentei semelhante má vontade em outras circunstâncias. Reparei também certa estranheza do motorista quando lhe dei de gorjeta o troco, mas permaneci opaco ao fenômeno social que se realizava.” (OLIVEIRA; ARAÚJO, 2018b, p. 174, grifo dos autores)

Há 5 questões iniciais, todas voltadas à compreensão do valor adjetivo da oração relativa e giram em torno da expressão “A menina que roubava livros”, contida no cartaz do filme que recebe esse título.

A partir dessas questões, temos a seguinte definição: “O pronome relativo introduz uma oração que se refere a um termo já expresso na oração antecedente. Ele conecta as orações e evita a repetição.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 162)

O livro afirma que “O pronome relativo mais empregado é *que*, mas outras palavras também desempenham essa função” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 163). Logo depois, afirma que “onde” se refere a lugar, “o qual” e flexões equivalem a “que”, “quem” equivale a “que” e retoma termos que designam pessoas.

Em seguida, o livro menciona que o pronome relativo “quem” é sempre antecedido por preposição e aborda outras construções com preposição, com os seguintes exemplos:

*O vestido **que** costurei já foi entregue à cliente. (costurar algo)*
*O livro **a que** me refiro está sobre a mesa. (referir-se a algo)*
*O artigo **com o qual** concordo critica a obrigatoriedade do voto. (concordar com algo)*
*A guerra é a situação **de que** tenho mais medo. (medo de algo)*
(ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 162, grifos dos autores)

Como podemos observar nos exemplos, o livro apresenta construções que necessitam de preposições diferentes, além de apresentar regência verbal (três exemplos) e nominal (um exemplo).

Além disso, o livro traz, na exposição do conteúdo aos alunos, que “O uso da preposição antes do pronome ocorre na linguagem monitorada. Nas comunicações mais informais, a preposição é, com frequência, desconsiderada”. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 163). Também há, na mesma página, uma orientação aos professores sobre esse trecho: “Verifique se os alunos

compreendem o objetivo dessa informação: indicar-lhes que as situações de comunicação mais formais vão exigir atenção ao uso da preposição, mesmo que, nas demais situações, muitas vezes ela não apareça” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 163). Desse modo, o livro sinaliza a importância da estratégia padrão em situações monitoradas, ao passo que admite que essa estratégia não é usada em outras situações, apesar de não apresentar a comparação entre exemplos de usos formais e informais.

O capítulo também dedica uma subseção específica ao uso de “cujo” e suas flexões. O livro informa aos alunos que “*Cujo* e suas flexões também são pronomes relativos. Eles são usados em situações de uso monitorado da língua.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 164, grifo dos autores). Além disso, há a seguinte informação destinada especificamente aos professores:

O pronome *cujo* e suas flexões têm sido empregados apenas em gêneros textuais mais monitorados. Uma vez que não há contato frequente com eles, seu ensino deve ser feito, conforme lembra Marcos Bagno, como o de uma regra “estrangeira”, que precisa ser introduzida no repertório do falante (Gramática pedagógica do português brasileiro, p. 905). (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 164)

O livro menciona que, além de retomar um termo anterior – como os demais pronomes relativos – o pronome “cujo” estabelece a relação de posse entre o antecedente e o termo seguinte. Menciona também a relação de concordância desse pronome com o termo possuído. Há, ainda, um box que trata do não uso de artigo após “cujo” e suas flexões.

Além das 5 questões iniciais, há 5 questões depois da exposição do conteúdo. Somando-se as 10 questões, há 11 ocorrências de orações relativas: 4 de funções não preposicionadas e 7 preposicionadas.

Nas questões, a primeira relativa preposicionada ocorre na letra “d” de uma questão (Fig. 3) que se refere ao seguinte período de uma reportagem:

Em 1968, o arqueólogo suíço Erik von Däniken publicou o livro *Eram os deuses astronautas?*, no qual defende que extraterrestres foram responsáveis pela construção das pirâmides egípcias, astecas e maias, das linhas de Nazca e dos moais da ilha de Páscoa. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 165, grifo dos autores).

Figura 3: Primeiro caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Se liga na língua*

d) Reescreva o primeiro período do fragmento, separando a oração principal e aquela que é introduzida pelo pronome relativo. Faça apenas as alterações necessárias.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 165).

Cabe mencionar, quanto à questão da Fig. 3, que há uma orientação aos professores, relacionada à função sintática do constituinte relativizado (no caso, adjunto adverbial). Vejamos:

Questão 1d – Verifique se os alunos entenderam que a retomada deve ser feita por meio de adjunto adverbial (no livro “Eram os deuses astronautas?”, que modifica o verbo defender). Sugerimos não usar os termos técnicos, mas é necessária uma reflexão sobre as funções sintáticas envolvidas, aspecto relevante na compreensão do funcionamento do pronome relativo como recurso de coesão. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 165, grifo dos autores)

Em outra questão (Fig. 4), há uma reflexão sobre a exigência de preposições pelos verbos.

Figura 4: Segundo caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Se liga na língua*

2 Observe uma ilustração produzida pela desenhista paranaense Bianca Pinheiro.



- a) A ilustração faz parte de uma série chamada "Pequenas satisfações". Considerando esse título e a ilustração, infira: o que caracteriza esse projeto da ilustradora?
- b) No caderno, reformule o texto presente na ilustração, acrescentando o trecho "é uma pequena satisfação" no final. Em seguida, divida suas orações.
- c) Observe o uso da preposição antes do pronome relativo. Ela é usada quando o termo substituído pelo pronome é regido por preposição. Veja.
 "Achar alguém *com* quem *comentar* aquele livro maravilhoso."
 Reescreva o período substituindo o verbo *comentar* por *emprestar*. Faça as alterações necessárias.

2a. Nas ilustrações da série, a desenhista retrata situações cotidianas e banais, mas que proporcionam o bem-estar das pessoas envolvidas.
 2b. Oração 1: Achar alguém é uma pequena satisfação. Oração 2: com quem comentar aquele livro maravilhoso.
 2c. Achar alguém para quem/a quem emprestar aquele livro maravilhoso.

Comentar é um verbo transitivo indireto; seu complemento é regido pela preposição *com* (comentar *com* alguém).

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 166).

Novamente, os autores dirigem-se aos professores, ressaltando aspectos sintáticos: “**Questão 2b** – Verifique se os alunos se apropriaram dos mecanismos sintáticos em foco, que preveem, nesse caso, que a oração adjetiva se intercale à principal. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 166, grifo dos autores).

Há, ainda, mais uma questão sobre as preposições exigidas por cada verbo. Dessa vez, a questão também trabalha o uso de “que” ou “o qual” (e suas flexões) segundo a gramática normativa.

Figura 5: Terceiro caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Se liga na língua*

a) A quem se refere o pronome *eles*? O que permite essa conclusão?
 b) No contexto da tirinha, o personagem está sendo irônico quando diz "Você é mau!!"? Explique sua resposta.
 c) Assim como no enunciado do primeiro quadrinho, as reformulações a seguir também exigem o emprego de uma preposição antes de *a qual*. Reescreva-as, substituindo cada estrela pela forma adequada.

Vamos destruir uma coisa ★ *eles gostam*. da qual
 Vamos destruir uma coisa ★ *eles se apegaram*. à qual
 Vamos destruir uma coisa ★ *eles convivem bem*. com a qual
 Vamos destruir uma coisa ★ *eles se interessam*. pela qual
 Vamos destruir uma coisa ★ *eles se preparam*. para a qual

Lembra?
 A ironia é uma forma de expressão caracterizada por dizer o contrário daquilo que deve ser entendido.

3a. Refere-se aos terráqueos, conforme sugere a parte da esfera no canto inferior dos quadrinhos, que remete à Terra.
 3b. Não. Os quadrinhos criam uma gradação em que a corrupção se coloca como algo mais inerente aos terráqueos que a necessidade de oxigênio e de florestas.
 3d. De *que*, *a que*, *com que*, *por que*, respectivamente. A última reformulação não pode ser preenchida com *que* devido à preposição *para*.

O pronome *o qual* (e suas flexões) equivale a *que* e o substitui, obrigatoriamente, após as preposições *contra*, *entre*, *para*, *sem*, *sobre* e após as locuções prepositivas (*ao lado de*, *antes de*, *de acordo com*, *perto de* etc.).

d) Considerando as informações do quadro, como deveriam ser substituídas as estrelas, caso se empregasse o pronome relativo *que* em lugar de *a qual*?

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 167).

Verificamos que, na abordagem dos pronomes relativos da coleção em análise, há menção à estratégia cortadora e ao uso do relativo “cujo” em situações monitoradas, além de mais exemplos de orações relativas preposicionadas, tanto na exposição do conteúdo quanto nas questões. Observamos que há diversidade de pronomes – não se limitando ao relativo “que” – e de preposições.

No capítulo 6 do mesmo livro, são abordadas as orações subordinadas adjetivas.

A seção destinada ao assunto tem início com o trecho de um conto trabalhado anteriormente no capítulo, em que há uma relativa de objeto direto: “Tropeçava no perigo que ele próprio, e não o mundo, deixava em seu caminho” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 194). Os autores do livro afirmam que o narrador usou uma oração que particulariza o termo “perigo” e é introduzida por um pronome relativo e, a partir disso, informam que esse tipo de oração será estudado.

Antes da conceituação, há 7 questões, que retomam orações coordenadas e subordinadas, sem exemplos de orações relativas. Há uma discussão sobre o

uso do “que” sem ser pronome relativo (no caso, como conjunção subordinativa integrante). Há, ainda, uma revisão de orações coordenadas e orações subordinadas.

Após essa retomada, tem início o conteúdo de fato, com o seguinte conceito: “A oração introduzida por um pronome relativo também é uma oração subordinada. Sua função é a de caracterizar o antecedente, como faz um adjunto adnominal. Portanto, também funciona como um termo de outra oração.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 195). Vejamos: Ele nos mostrou o cachorro que recusou seu dever de casa.

Por funcionar como um adjetivo, esse tipo de oração é chamado de oração subordinada adjetiva. Note que ela é introduzida por um pronome relativo, aquele que retoma o antecedente. Não é o que acontece com a oração subordinada “que ele não comeu”, introduzida por um conector que tem apenas a função de unir as partes, sem retomar um termo. Esse conector é chamado de conjunção integrante. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 195).

No canto da página, há um box com um resumo das informações: “As orações subordinadas adjetivas são introduzidas por pronomes relativos e exercem a função de um adjunto adnominal. Elas caracterizam um antecedente.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 195).

Depois, seguem mais três questões, antes da classificação em adjetiva restritiva e explicativa. Essas questões têm como base um trecho de uma notícia cujo título é composto por uma oração relativa de sujeito: “Conheça a cidade que não tem políticos ou classes sociais.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 196). No entanto, as questões não exploram a classificação, apenas a interpretação textual e reescrita do título em um período simples.

Depois disso, o livro apresenta a classificação das orações relativas em restritivas e explicativas. Depois, há no canto da página a informação de que “Além da vírgula, o travessão e os parênteses podem separar as orações subordinadas adjetivas explicativas. As orações subordinadas adjetivas

restritivas ligam-se diretamente ao antecedente.” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 197).

Em seguida, há mais seis questões. Assim, a parte destinada às orações relativas tem, no total, 16 questões: nelas, são explorados 12 casos de orações relativas: 10 com o pronome relativo “que”, sendo 9 na função de sujeito e uma na função de objeto direto; uma com “em que” e uma com “onde”, tendo essas duas a função de adjunto adverbial.

Vejamos essas duas questões:

Figura 6: Quarto caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Se liga na língua*

Orações que caracterizam NA PRÁTICA

1 Este anúncio publicitário do governo de Pernambuco divulga investimentos no Conservatório Pernambucano de Música. Leia-o com atenção.

UMA ÉPOCA EM QUE OS HITS TOCAM POR UM VERÃO, RESOLVEMOS INVESTIR EM UM ESTILO QUE FAZ SUCESSO DESDE O SÉCULO IX.

NUMA ÉPOCA EM QUE OS HITS TOCAM POR UM VERÃO, RESOLVEMOS INVESTIR EM UM ESTILO QUE FAZ SUCESSO DESDE O SÉCULO IX.

PERNAMBUCO GOVERNO DO ESTADO

197

a) O que é um conservatório? É uma escola destinada a ensinar e divulgar artes e cultura, especialmente a música.

b) Qual aspecto foi usado para diferenciar os dois tipos de música mencionados? Explique sua resposta. O tempo de sucesso; são mencionadas músicas que vigoram por um verão e músicas que têm sido ouvidas por vários séculos.

c) O texto em destaque apresenta duas orações subordinadas adjetivas. Identifique-as. As orações são estas: "em que os hits tocam por um verão" e "que faz sucesso desde o século IX".

d) Identifique o termo antecedente do pronome relativo em cada uma das orações. Em "em que os hits tocam por um verão", o pronome relativo substitui época; em "que faz sucesso desde o século IX", o pronome substitui estilo.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 197).

Na questão da Fig. 6, o foco é a identificação das orações e dos referentes dos pronomes relativos em cada uma delas. Há duas orações relativas, uma com função de adjunto adverbial e outra com função de sujeito. A questão não trabalha isso diretamente.

Vamos à análise da outra questão (Fig. 7) com função preposicionada:

Figura 7: Quinto caso de questão com relativa preposicionada na coleção *Se liga na língua*

- a) Que fator explica o risco de extinção da lobélia gigante? Como ele pode atuar sobre ela? O aquecimento global é o fator de risco, pois leva ao aumento significativo da temperatura das montanhas, reduzindo o habitat da planta e, por consequência, a sua diversidade.
- b) Transcreva o adjetivo que corresponde à oração subordinada "que vivem em montanhas". Montanhosas.
- c) Como se classifica a oração "que vivem em montanhas"? Oração subordinada adjetiva restritiva.
- d) O que mudaria no sentido caso a oração adjetiva "onde as mudanças de temperatura são mais drásticas" não estivesse separada por vírgula? A redação original, com vírgula, sugere que as mudanças de temperatura são drásticas em todas as montanhas; sem a vírgula, a oração indicaria que as mudanças ocorrem apenas em parte delas.

Fonte: Ormundo e Siniscalchi (2018, p. 199).

Nesse caso, há o uso do pronome "onde", também com função de adjunto adverbial. A questão apresenta um exemplo simples. Mas, em seguida, aborda o uso desse pronome em box "A língua nas ruas", em que há uma sugestão interessante.

De acordo com a norma-padrão, o pronome relativo onde deve retomar apenas antecedentes que correspondam a lugares concretos. É adequado dizer "A casa onde nasci", mas não "O jogo onde ocorreu a confusão". Preste atenção aos falantes com quem convive e reúna exemplos do uso de onde. Faça uma lista com tais exemplos e verifique quais são os antecedentes em cada um. Assinale os que não estão de acordo com a norma-padrão. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 199).

Além dessa explicação aos alunos, há a seguinte orientação aos professores:

A língua nas ruas – Selecione alguns exemplos e peça aos alunos que os anotem na lousa. Com a participação da turma, analise o motivo da inadequação e reelabore os períodos. Espera-se que, com a seleção e a organização dos exemplos, os alunos percebam que, além de ser usado para retomar situações, *onde* tem sido usado equivocadamente para retomar antecedentes que indicam coletivos ("É difícil encontrar um povo onde a mentira seja valorizada.") e tempo ("Isso acontece na infância, onde as crianças bebem mais leite."), entre outros tipos. Quanto ao caso da retomada de lugares que não são concretos, como em "O poema onde se lê...", há divergência entre os estudiosos da língua; alguns já incluem essa forma na norma-padrão. Avalie se é pertinente expor isso aos alunos. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2018, p. 199).

Desse modo, no capítulo sobre as orações relativas, não há um trabalho efetivo com as preposições e as estratégias de relativização em geral, embora haja um trabalho mais detalhado com os usos do pronome relativo “onde”.

4.3 Reflexões sobre a abordagem das estratégias de relativização

Os resultados apresentados mostram que não há, nos livros didáticos analisados, um trabalho efetivo com as estratégias de relativização e outros aspectos sintáticos das orações relativas. Nos capítulos sobre os pronomes relativos, os livros enfatizam o uso desses pronomes como elementos coesivos; nos capítulos sobre orações subordinadas adjetivas, o foco recai na classificação dessas orações como restritivas ou explicativas.

Na estrutura das seções analisadas para este trabalho, verificamos um padrão: há questões prévias – geralmente associadas a um texto trabalhado em uma seção anterior – que levam o aluno a construir conceitos; em seguida, há o texto expositivo sobre o conteúdo; depois, mais questões. No entanto, apesar de os livros buscarem construir o conceito com os alunos, intercalando as questões e não introduzindo o conteúdo de imediato, essas questões não acionam conhecimentos prévios dos alunos sobre as orações relativas e não tratam das estratégias de relativização.

Observamos que apenas uma questão exige conhecimento da estratégia de relativização (no caso, da estratégia padrão), os próprios textos presentes nos capítulos contêm poucas relativas preposicionadas e não há exemplos de diferentes estratégias de relativização em situações formais e informais. Nesse sentido, a abordagem do conteúdo não contempla os estudos linguísticos.

É necessário considerar que, em nossa análise, notamos uma diferença significativa entre a abordagem das orações relativas nas duas coleções didáticas. A primeira coleção analisada ignora quase totalmente aspectos sintáticos (faz menção à regência verbal e ao uso de preposições, mas mostra

apenas combinações/contrações de preposições e pronomes relativos, sem exemplos de orações em que os verbos necessitem desse uso), não menciona/trabalha nenhuma das estratégias de relativização e não contém orientações destinadas aos professores sobre essas estratégias. Por sua vez, a outra coleção analisada explicita aos alunos que as preposições são usadas em situações monitoradas – embora não sejam correntes na fala –, além de trabalhar subseções específicas sobre os pronomes “cujo” e “onde” e de conter orientações destinadas aos professores sobre as estratégias de relativização.

De todo modo, em geral, não há um trabalho para que os alunos reflitam sobre as estratégias vernaculares (tornando conscientes e explícitos os conhecimentos linguísticos implícitos) nem para que eles aprendam as formas padrão, pois não lhes é fornecido o input necessário para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a abordagem das estratégias de relativização do PB nos livros didáticos selecionados, obtivemos os seguintes resultados: uma coleção aborda a relativa cortadora e nenhuma das coleções aborda a relativa copiadora; uma coleção contém orientações aos professores sobre as estratégias de relativização e aspectos sintáticos das orações relativas; embora tenhamos observado uma grande diferença na abordagem do conteúdo nas duas coleções, verificamos que há, em geral, poucos dados de relativas preposicionais, tanto nos textos expositivos quanto nas atividades.

Com base nos resultados obtidos e à luz do quadro teórico apresentado, defendemos a necessidade de se considerar o conhecimento linguístico prévio dos alunos sobre as orações relativas e, a partir disso, de se fornecer um *input* mais rico na abordagem dessas orações.

Na ampliação desta pesquisa, analisaremos não só a abordagem das estratégias de relativização em capítulos específicos, mas também as

ocorrências de orações relativas ao longo das obras, integralmente, observando se há elementos que influenciem seus usos e a opção por uma ou outra estratégia de relativização, nos moldes da análise de Santos (2013) para o sujeito nulo e de Aguiar (2020) para os clíticos acusativos de terceira pessoa.

Desse modo, este trabalho soma-se a outros que consideram a importância dos estudos sobre (i) as diferenças entre a gramática da fala e a gramática da escrita no PB, (ii) o papel do input para a aquisição de fenômenos que não fazem parte da gramática nuclear do falante e (iii) a relação de (i) e (ii) com o ensino da língua. Esperamos contribuir para que esses estudos gerem bons frutos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. C. N. *Clíticos acusativos de terceira pessoa e o input em livros didáticos no ensino da escrita do PB*. 2020. 240 f. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

BRASIL. Ministério da Educação. *Valores de Aquisição por Título - Anos Finais - PNLD 2020*. Disponível em: <https://www.fnede.gov.br/index.php/centrais-de-conteudos/publicacoes/category/124-livro-didatico?download=13720:pnld-2020-anos-finais>. Acesso em: 10 set. 2021.

CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, N. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*. São Paulo: Unesp, 2005.

CORRÊA, V. R. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil*. 1998. 163 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GROLLA, E. B. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. 2000. 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J.; LEMOS, A. S. (orgs.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005. p. 131-145.

KATO, M. A. Português Brasileiro: “Última flor do Lácio, inculta e bela”. *Revista da Abralin*, v. 17, n. 1, p. 52-80, 2018.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. *As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição*. 2008. 197 f. Tese (Doutorado em Linguística) Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

MAGALHÃES, T.; MARCELINO, M. Contribuições das pesquisas em aquisição para o ensino de clíticos do português. In: RECH, N. F.; GUESSER, S. (orgs.). *Morfologia, Sintaxe e Semântica na Educação Básica*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 93-131.

MARCELINO, C. C.; SILVA, M. L. M.; MAGALHÃES, T. M. V. Aprendendo os clíticos na escola: uma análise preliminar dos livros do 6º ao 9º ano da educação básica. In: FARIA, N. R. B.; LEITE, M. D. T.; FÉLIX, G. (orgs.). *Letras à margem*. Maceió: Edufal, 2016, p. 165-181.

MEDEIROS JÚNIOR, S. *Estratégias de relativização na fala e na escrita: análise em textos de estudantes da série final do Ensino Médio*. 2007. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização (Especialização em Linguística) **Departamento de Ciências Humanas e Letras**, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. *Tecendo Linguagens: língua portuguesa: 8º ano*. 5. Ed. Barueri: IBEP, 2018a.

OLIVEIRA, T. A.; ARAÚJO, L. A. M. *Tecendo Linguagens: língua portuguesa: 9º ano*. 5. Ed. Barueri: IBEP, 2018b.

ORMUNDO, W.; SINISCALCHI, C. *Se liga na língua: leitura, produção de texto e linguagem: manual do professor*. 9º ano. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

PERRONI, M. C. As relativas que são fáceis na aquisição do português brasileiro. *DELTA*, v. 17, n. 1, p. 59-79, 2001.

SANTOS, E. C. da S. *O papel do input no aprendizado do uso do sujeito nulo na escrita por alunos da educação básica*. 2013. 177 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, H. dos S. *Aprendizagem do pronome relativo cujo: reflexões sobre a escrita*. 2007. 175 f. Dissertação. (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SLABAKOVA, R. *Second language acquisition*. Oxford: Oxford Core Linguistics, 2016.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). *Português*

brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo). Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 69-105.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 01 de outubro de 2022.

Aprovado em sistema duplo cego em: 02 de maio de 2023.